
A pandemia do Covid 19 e seu impacto social: algumas questões para a discussão (1)

Roberto Noritomi

Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.
O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico-Legislativa.

A pandemia do Covid 19 e seu impacto social: algumas questões para a discussão (1)

Roberto Noritomi
Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

"A hora de comprar é quando há sangue nas ruas"
(Barão de Rothschild)

"No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbio que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção, são forças de destruição"

(Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã*)

Preâmbulo

Texto desenvolvido com base no esforço analítico de importantes pesquisadores das ciências sociais e afins, estrangeiros e brasileiros. A tônica é a realidade internacional, mas muitas implicações acabam se aplicando ao Brasil, afinal, o fenômeno e as respostas a ele adquirem cada vez mais um caráter generalizado. Uma segunda parte abordará a questão do trabalho e da renda. É necessário ter em mente que as análises aqui incorporadas foram feitas no calor da hora e, portanto, será preciso que os fatos ganhem uma certa distância para que possam receber abordagens mais acuradas e conclusivas. Como disse Hegel, “a ave de minerva alça o seu voo ao entardecer”.

1. O falso fantasma

Com verdadeiros lances de espetáculo cinematográfico, que certamente serão apropriados pelos roteiristas e produtores, a pandemia do Covid-19 invadiu a mídia e o imaginário popular. Como sempre ocorre nesses casos, as explicações ganharam ares de catástrofe apocalíptica e de conspiração global, atendendo os mais diversos gostos e interesses. Nada mais sintomático do estado da consciência social fetichizada que viceja nos tempos que correm. Como já apontara o crítico cultural Fredric Jameson, a visão fantástica e conspiratória não deixa de ser uma tentativa de dar conta de uma totalidade social transpondo a origem dos fenômenos para entes exteriores e sobrenaturais. Ao fazer isso, as determinações históricas são eliminadas e passa-se a viver num mundo de forças inefáveis e inalcançáveis racionalmente.

Diante dessa nuvem falseadora que tem coberto a pandemia, é praticamente unânime entre os pesquisadores a leitura de que é necessário pensar o quadro drástico atual como um fenômeno socialmente determinado. Para isso, é frisada a necessidade de se invocar a noção fundamental de modo de produção capitalista e de sua lógica

imane de acumulação. É este modo de produção, em que o capital é o protagonista, que estrutura e desenvolve a ordem social contemporânea em todas as suas dimensões. Somente a partir dessa noção é que se torna possível uma aproximação mais pertinente da totalidade do problema.

Nesse sentido, as análises assumem a seguinte base de consenso: o vírus tem origem na natureza, mas surgiu por conta de desequilíbrios ecológicos decorrentes da expansão capitalista desenfreada; as exigências do modo de produção capitalista e seu aparato estatal agravaram a disseminação do vírus e fizeram com que a situação adquirisse a proporção pandêmica; a crise pandêmica é, antes de tudo, uma crise gerada pelo próprio modo de produção capitalista; as consequências dessa crise incidem diferencialmente, segundo os cortes de classe, gênero, etnia etc.

O que se verá na sequência é a síntese de um esboço interpretativo e especulativo que enfeixa aspectos relevantes que constituem a crise em andamento. O objetivo não é, obviamente, o de esgotar as questões ou de dar uma visão cabal do problema. A preocupação é levantar tópicos para uma discussão.

2. Uma crise anunciada

Numa civilização assentada na racionalidade técnica, com os mais avançados e diversos centros de estudos científicos, a capacidade de previsão de inúmeros eventos naturais e de suas consequências é cada vez mais real. Claro que não se trata de predição de datas, lugares e agentes. As previsões se dão por meio de modelos, correlações e demais análises que permitem identificar tendências e ocorrências, geralmente dentro de faixas temporais e geográficas com menor ou maior precisão. Isso no mínimo pode funcionar como uma espécie de alerta de variada gradação, da mais fraca à mais forte. Entretanto, por mais fundamentadas, e reconhecidas entre os cientistas, que sejam essas previsões, na imensa maioria das vezes elas são relegadas aos circuitos acadêmicos e aos movimentos organizados do chamado ativismo ambiental. Não se dá a devida atenção aos alertas.

Essa “falta de atenção” para com as previsões é explicada, em grande medida, pela absoluta irracionalidade que conduz o modo de produção capitalista, qual seja, a de buscar incessante e vorazmente a acumulação de capital por si só. Nesse sistema, a racionalidade é instrumentalizada apenas em função dessa busca irracional. Nessa lógica, que é imperativa e determinante, pouca ou nenhuma consideração é dada pelos Estados, que representam os interesses do capital, às pesquisas que não possuem potencial mercantil imediato, muito menos às previsões daí decorrentes. Quando algo não atende aos anseios acumulativos ou os trava, ele é descartado ou deslegitimado. É o que ocorre com a questão do desequilíbrio climático. É o que ocorreu com pesquisas sobre virologia, e o coronavírus em particular. No início de março deste ano, o virologista Bruno Canard, diretor de pesquisas do CNRS em Aix-Marseille, publicou carta aberta na qual relata que desde 2003 sua equipe estuda o coronavírus e, devido a cortes de recursos, foi impedida de avançar o trabalho, que poderia trazer luz sobre

o corona e facilitar a produção de vacinas e técnicas de tratamento. Outros tantos cientistas, mundo a fora, já vinham alertando desde o final do século XX para o risco de pandemias provocadas pelo influenza (isso antes da SARS e da MERZ). A própria Organização Mundial da Saúde publicou relatórios sobre os possíveis perdas diante de um surto epidêmico. Portanto, informação sólida e abundante estava disponível.

E se não era previsível o quando, o onde e o que viria, havia no mínimo o indicativo de que ameaças de grandes proporções poderiam bater à porta a qualquer momento. Diante desse horizonte de riscos, era necessário estar preparado para absorver e minorar os impactos de maneira ágil, rápida e eficiente. Entretanto, o que se viu foi uma resposta desalinhada dos governos nacionais e da ordem internacional. Não havia um protocolo e uma regulação de procedimentos que pudessem estancar o fluxo e garantir o monitoramento dos casos de forma padronizada. Ao contrário da China, que possui um Estado centralizado que garante uma ação coordenada de acompanhamento e execução de medidas, os demais países não possuem regramentos institucionais e capacidade de ação coordenada para atender rapidamente a situações catastróficas. Nesse países, o único “protocolo” a ser seguido é o do livre curso do capital, em detrimento das exigências da saúde coletiva. Por causa disso, foram assumidas posturas heterogêneas, pautadas primeiramente pelo resguardo da economia e o adiamento das ações de contenção e controle da disseminação do contágio.

O organismo multilateral que poderia, por princípio, ter tomado alguma atitude antecipatória e regulatória mais ampla é a Organização Mundial de Saúde, mas sua atuação só comprovou o que já se sabia. Que se trata de mais um simulacro de instituição multilateral de planejamento global. Além de não ter autoridade regulatória efetiva, é flagrantemente ignorada em suas diretrizes por vários países, inclusive pelos Estados Unidos.

Por fim, um fator fundamental na origem da crise pandêmica, que poucos se lembram, foram os cortes orçamentários promovidos por políticas neoliberais que vem sendo perpetradas, desde os anos noventa, por governos tanto de direita quanto de esquerda no mundo inteiro. Em decorrência desses cortes, os países, mesmo os mais ricos, não dispunham de uma ampla, e guarnecida, rede estatal de atenção à saúde e à assistência social para absorver e encaminhar os casos adequadamente. E enquanto a saúde pública perdia recursos, a grande indústria farmacêutica (“The big pharma”) evitava pesquisas sobre doenças infecciosas e vacinas e se dedicava a gerir patentes e promover medicamentos para doenças crônicas, mais caros e de consumo contínuo.

Não é nenhum exagero, portanto, afirmar que a pandemia é produto direto de uma conjugação de ações e omissões determinadas pela tresloucada jogatina do capitalismo. É como um capítulo importante e necessário do estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Cabe agora esboçar algumas implicações desta catástrofe anunciada.

3. Impactos e derivações

3.1. Reacomodação sistêmica

Num ambiente de jogatina há ganhadores (uma minoria) e perdedores (uma maioria, para não quebrar a banca). Assim, por paradoxal que seja, a pandemia e a crise daí resultante - com a fenomenal destruição de empresas e a queda vertiginosa de lucros, rendas e ocupações - são benfezas do ponto de vista da acumulação capitalista global, isto é, da totalidade do modo de produção. É a visita da boa senhora. Segundo os dados da OCDE sobre o crescimento econômico, o sistema já vem sofrendo um de seus períodos mais críticos, herança da convalescença frágil desde o *crash* de 2008; as taxas de extração de mais valia e de lucro estavam declinantes e as principais economias mundiais davam sinais de contração inédita. O risco era de uma quebra generalizada e o aprofundamento de uma recessão que poderia trazer à tona as contradições do sistema de exploração capitalista e potencializar fraturas sociais incontornáveis. De certa forma, uma catástrofe já estava à espreita e seria difícil esconder o culpado.

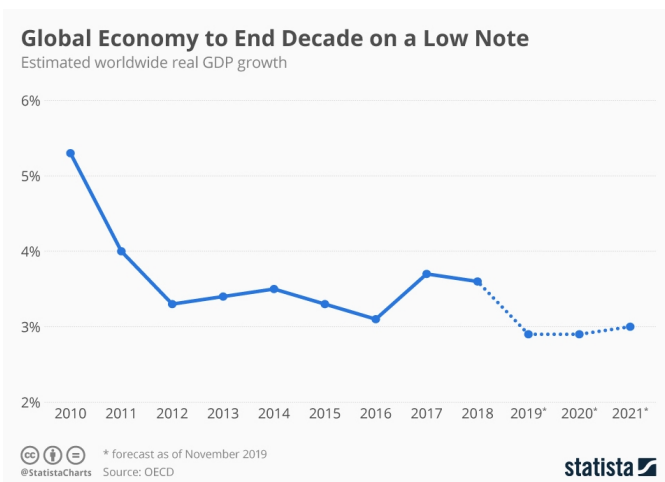


Gráfico do declínio econômico global-OCDE

Diante desse quadro, a pandemia acabou trazendo um bode expiatório e ajudando a camuflar o real "algoz" da devastação, que já era esperada. É o empurrão "amigo" à beira do abismo. A crise econômica, gestada ciclicamente pela própria lógica de acumulação, agora pode ser denominada de "crise epidêmica". Aquilo que é um dado estrutural é percebido como extraordinário. É como se uma força externa, inefável e maléfica, atingisse um sistema saudável e mostrasse que na verdade não há diferenças de classe e todos estão irmanados no mesmo barco - como se vê nas indecorosas encenações de "solidariedade empresarial".

O fato inarredável é que o movimento de valorização de capital chega a momentos de esgotamento e crise, como a história é pródiga em indicar. Quando isso acontece, principalmente em proporções avassaladoras, as empresas menores sucumbem de variados modos, por não terem margem de absorção do baque, enquanto as maiores, com recursos robustos, prevalecem, ainda que avariadas, e ocupam o espaço das primeiras. Sobressaem-se, aqui, as grandes corporações e os grupos financeiros

(bancos, especuladores etc) que detêm por definição a liquidez. A oferta de produtos e serviços alternativos poderá se contrair significativamente enquanto as redes tenderão a aumentar e se diversificar. Os capitais ficarão ainda mais concentrados e centralizados. O cenário econômico será de queda de crescimento dramático, mas com ganhos extremos para a elite do capital corporativo e financeiro sobrevivente. Depois do desastre, sobrevoam os abutres. E deve ser frisado que esse processo não é somente quantitativo, em termos de volume de capitais concentrado; ele é também profundamente qualitativo e implica mudanças na organização produtiva e nas relações de produção, como será visto à frente.

Portanto, a pandemia servirá como detonadora de uma espécie de purgação sistêmica, que provocará a reacomodação do modo de produção capitalista num novo patamar. E isso tudo se desenrolará, como exige a profilaxia, sob os auspícios do Estado, ou seja, em detrimento dos recursos da sociedade como um todo. Mais uma vez, o que se verificará é a transferência de riqueza social para o controle do grande capital. Isso se comprova pelos pacotes bilionários e pelas intervenções nos mercados financeiros que os governos estão realizando, e continuarão a realizar, por todo o mundo. A diferença em relação às crises passadas é que agora a pandemia legitima a alocação de recursos, quase sem limites, para salvar o sistema. De repente, todos foram tocados pela varinha de condão do keynesianismo de ocasião.

3.2. Eugenia e desmonte estatal

Muito tem se falado sobre uma “guinada keynesiana” do Estado, com a promessa de políticas expansionistas baseadas no estímulo fiscal. Economistas da velha e da nova guarda liberal vêm posando no novo figurino, como se o hábito fizesse o monge, mas no fundo esse discurso é falacioso. Como foi discutido, o que se observa é a velha prática do socorro financeiro, inclusive com emissões, em situação de crise. Nada de keynesianismo no sentido forte da palavra ou de "dinheiro lançado de helicópteros". Conforme as análises e a conjuntura política apontam, o que se dará na prática é o inverso. O vórtice neoliberal não apenas vai permanecer na berlinda como poderá alargar seu horizonte.

Ao invés de uma recomposição do aparato estatal de assistência universal, de fortalecimento da regulação do mercado e dos investimentos em infraestrutura, a aposta é na continuidade e o acirramento do desmonte do Estado e dos direitos sociais. A pandemia veio muito a calhar nesse contexto.

Para se compreender o papel positivo da pandemia sobre o Estado, deve se considerar uma certa visão distorcida e perversa da seleção natural que permeia a ideologia do neoliberalismo. Nessa perspectiva, a opção preferencial para enfrentar o vírus da Covid-19 é pela chamada "imunização de rebanho". Por esse método, as populações devem ser expostas ao vírus indiscriminadamente para que a maioria se imunize e ganhe proteção natural. Na prática, os "mais aptos" sobreviveriam e os menos pereceriam, afinal, como no reino das selvas, um percentual de mortes é inevitável. O dado oculto nessa medida (aceita com determinadas infecções e situações epidemiológicas) é o viés eugenista, que visa selecionar e garantir a reprodução dos

membros "mais saudáveis" da população. Nessa linha, idosos, doentes crônicos e outros tantos imuno-deprimidos poderiam ser suprimidos em prol da "população economicamente ativa". Ao contrário da proteção universal da vida, o Estado neoliberal se pauta pela focalização pragmática e eugênica.

Logo no início da pandemia, procurando resguardar seus mercados, muitos governos importantes, como os do Reino Unido e dos EUA, ensaiaram adotar essa estratégia da "imunização de rebanho". Mas diante dos elevados riscos e da impopularidade da ação, houve o recuo. No entanto, é patente a implementação na prática dessa orientação. Aqui cabe um olhar sobre a situação brasileira. Em que pesem os recursos e as medidas de prevenção e tratamento anunciadas, o que se verifica efetivamente é o atraso nas transferências, a falta de insumos e de equipamentos de proteção, ausência de testes em massa e outras deficiências correlatas. Em paralelo, o auxílio para apoiar o isolamento social não é distribuído. A consequência direta é o aumento dos casos de contágio, internação grave e de mortes. E os mais vitimados serão, evidentemente, os segmentos sociais mais vulneráveis, e obsoletos na lógica da acumulação, quais sejam: idosos, doentes crônicos etc. A incidência de mortes nesses segmentos reduzirá a pressão no aparato de previdência e seguridade social e proporcionará a tão almejada economia orçamentária que as reformas têm visado obter.

Outro aspecto em que a pandemia beneficia o Estado neoliberal vigente diz respeito ao seu próprio desmonte. Da mesma forma que o quadro de crise legitima o aporte financeiro para salvar o capital e o modo de produção, também é legitimada a reiterada ladainha da austeridade fiscal por meio da redução dos gastos públicos e do organismo estatal. Com a justificativa da contração econômica, os governos vão ampliar e acelerar as privatizações, a contenção salarial e o corte de servidores, a redução ou eliminação de direitos sociais, concessões de serviços para a iniciativa privada etc.

O resultado pode ser um retrocesso inimaginável, principalmente em países da periferia do capitalismo, que se definirá por um Estado mínimo, com diminuta presença de funcionários efetivos e a generalização da concessão de serviços a corporações de prestação de serviços, entidades filantrópicas laicas ou não, organizações não governamentais convertidas em empresas e modalidades alternativas de contratação que poderão surgir. Em termos organizacionais, essas mudanças pulverizarão e tornarão heterogêneos o atendimento público às demandas sociais.

###

Fontes consultadas:

- Mike Davis: The Coronavirus Crisis Is a Monster Fueled by Capitalism (<https://inthesetimes.com/article/22394/coronavirus-crisis-capitalism-covid-19-monster-mike-davis>)

- David Harvey: Política anticapitalista na época do COVID-19 (<https://aterraeredonda.com.br/politica-anticapitalista-na-epoca-do-covid-19/>)
- José Martins: A Civilização Catastrófica (<https://criticadaeconomia.com/2020/03/a-civilizacao-catastrofica/>)
- Eric Toussaint - The Capitalist Pandemic, Coronavirus and the Economic Crisis (<https://www.cadtm.org/The-Capitalist-Pandemic-Coronavirus-and-the-Economic-Crisis>)
- ANDREJ MARKOVČIČ: Capitalism Caused the COVID-19 Crisis (<https://jacobinmag.com/2020/04/coronavirus-covid-19-crisis-capitalism-disaster>)
- Nildo Viana: Sobre a relação capitalismo-pandemia (<https://aterraeredonda.com.br/sobre-a-relacao-capitalismo-pandemia/>)

- ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Second edition (https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877.pdf)
- We Need a Global Democratic Socialist Response to COVID-19 (<https://www.dsusa.org/democratic-left/we-need-a-global-democratic-socialist-response-to-covid-19/>)
- Joseba Gabilondo - Apocalypse, Biopolitics and the Destituent State: Precarization in the Time of Cholera (<https://laboragine.net/apocalypse-biopolitics-and-the-destituent-state-joseba-gabilondo/>)
- Global Economy to End Decade on a Low Note
<https://www.statista.com/chart/20078/estimated-worldwide-real-gdp-growth/>